



REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

UMA FORMA DE FAZER PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA COMO UMA ARQUEOGENEALOGIA: RELATO, DESAFIO E OPORTUNIDADES SOB A LENTE DA ANÁLISE DO DISCURSO¹

A Way To Do Research In Mathematics Education As An Archeogenealogy: Report, Challenge And Opportunities Wearing The Lens Of A Discourse Analysis

Luiz Carlos **LEAL JUNIOR**
Professor Doutor do Instituto Federal de São Paulo

Lourdes de la Rosa **ONUCHIC**
Professora Emérita da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Trad.:
Luiz Carlos LEAL JUNIOR
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
luizleal@ifsp.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-0099-3359>

José Milton Lopes PINHEIRO
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
jose.pinheiro@uemasul.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-0989-7403>

RESUMO

Este artigo propõe uma abordagem inovadora para a pesquisa no campo da Educação Matemática. Descreve uma modalidade de investigação que se constrói e se constitui na própria práxis do movimento, do pensamento, do evento, da problematização e da prática investigativa, em vez de ser predeterminada. Classificado (ainda que de forma despretensiosa) como um trabalho teórico-bibliográfico, este estudo emerge de uma tese de doutorado fundamentada na Filosofia de Michel Foucault e no Pós-estruturalismo, abordando os campos da Resolução de Problemas e da Filosofia da Educação Matemática. Embora o domínio filosófico em questão resista a uma metodologia estrita, a Arqueogenealogia surge da intersecção das práticas de Arqueologia, Genealogia e Ética (Cuidado de Si), conforme desenvolvidas por Foucault. A Arqueogenealogia tem conquistado espaço no cenário acadêmico da Educação Matemática de maneira gradual, porém muito consistente, respondendo às demandas de uma pesquisa qualitativa que se debruça sobre processos subjetivistas. Trata-se de um modo de operar e engendrar conceitos e abordagens intrínsecos à Análise do Discurso, à semelhança do que tem sido realizado por alguns grupos de pesquisa no Brasil, dedicados à Resolução de Problemas, Matemática, Educação, subjetividade e suas vastas aplicações.

Palavras-chave: Educação Matemática, Arqueogenealogia, Pós-Estruturalismo, Michel Foucault, Análise do Discurso

¹Este artigo é a tradução de um artigo já publicado no idioma inglês com a seguinte referência: Leal Junior, L. C., & Onuchic, L. R. (2020). A way to do research in Mathematics Education as na archeogenealogy: Report, challenge and opportunities wearing the lens of a discourse analysis. International Journal of Latest Research in Humanities and Social Science, 3, 81–95, doravante apenas Leal Junior & Onuchic (2020).

ABSTRACT

This paper deals with a proposal to do research in Mathematics Education field. It refers to a way of researching that may be constituted in the doing of a movement, thinking, event, problematization, inquiry practice and not a priori. It can be labeled (unintendedly) as a theoretical-bibliographic work that emerged from a doctoral dissertation based on the Michel Foucault's Philosophy and on Post-structuralism talking about Problem Solving and Philosophy of Mathematics Education fields. Although it is difficult to speak about methodology in this philosophical field, the Archeogenealogy arose bore on in the way of the Archeology, Genealogy and the Ethic (Care of Self) worked by Foucault. Archeogenealogy has been taking up place in the academic landscape of Mathematics Education in a slow but very consistent way with the demands of a qualitative research befalling on subjectivist processes. It is a way of operating and engendering concepts and ways related to a Discourse Analysis, as it has been done in the researches of some research group in Brazil related to Problem Solving, Mathematics, Education, subjectivity and its broad practice, besides running them.

Keywords: Mathematics Education, Archeogenealogy, Post-Structuralism, Michel Foucault, Discourse Analysis

1 INTRODUÇÃO

O campo da Educação Matemática abrange uma diversidade de abordagens e métodos de pesquisa, que transitam entre posições epistemológicas que vão do objetivismo ao subjetivismo. Nosso interesse central neste trabalho reside na condução de um estudo analítico sobre a proposta de Análise do Discurso de Foucault, firmemente situada nas perspectivas do Subjetivismo e do Pós-estruturalismo. Este trabalho tem sua gênese em uma tese de doutorado desenvolvida no programa de pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no Brasil.

A questão de pesquisa que impulsionou este estudo emergiu da necessidade de realizar uma investigação que envolvesse entrevistas e discursos documentais em uma área tão intrinsecamente estruturada quanto a Resolução de Problemas. Essa empreitada nos permitiu inaugurar novas vias para operar com os discursos, seja nos dados, nas instituições, nas práticas, entre outros. As diversas formas de pesquisar em Educação Matemática foram amplamente debatidas no IV Fórum de Discussão: Parâmetros de Pesquisa em Educação Matemática no Brasil. Neste fórum, participamos do Grupo de Discussão número 8 (GD-08), que se dedicou à discussão e elaboração de ideias filosóficas para o desenvolvimento da pesquisa em Educação Matemática sob uma ótica filosófica. Tal encontro foi particularmente enriquecedor, pois deu origem a múltiplas reflexões para conceber uma pesquisa livre, criativa, não preconcebida e desvinculada de padrões rígidos.

Ressaltamos que tanto este artigo quanto a tese de doutorado que o fundamenta se pautam em uma abordagem de pesquisa que podemos caracterizar como insubordinada. Quando a metodologia se revela após a formulação do problema de pesquisa, isso pode se configurar como um caminho para buscar respostas ao mesmo

problema, avançando sobre o que não havia sido previamente concebido. Além disso, tal postura pode culminar em respostas que se apresentam como algo inaugural no pensamento do pesquisador, constituindo o objeto inédito de uma investigação (GD-08, 2017), por alguns autores denominada pesquisa insubordinada (Barbosa, 2015). Uma pesquisa em Educação Matemática, em nosso entendimento, deve ser uma forma livre de expressão para compreender os eventos educacionais, sem se prender a metodologias pré-selecionadas. Isso porque, na concepção daquele grupo de pesquisadores, o próprio "saber-fazer" da pesquisa é construído no desenvolvimento da prática recorrente.

Diversos elementos emergiram em nosso estudo e são cruciais para a elaboração de um trabalho científico ou filosófico sobre alguma prática, tais como: linguagem, palavra, interpretação, sujeitos, discursos, saber (savoir), poder, ética e outros conceitos problemáticos que, se não forem abordados com rigor, podem restringir uma pesquisa. Todo trabalho que se utiliza da lente foucaultiana deve ser crítico, afastando-se de pontos de vista inflexíveis e rígidos, a fim de permitir a percepção de outros elementos que se revelam interessantes em uma pesquisa rigorosa, contanto que esta se manifeste como uma possibilidade de trabalhar livremente.

A arqueogenealogia, como forma de pesquisa, ainda não é amplamente difundida no cenário internacional. No entanto, ela se constitui como um objeto de investigação, assim como a arqueologia e a genealogia foucaultianas. É uma abordagem frequentemente empregada nas ciências sociais aplicadas, na linguística e na filosofia. No Brasil, alguns grupos de pesquisadores têm se dedicado a disseminar essa forma de investigação, esse domínio ou campo de busca por conhecimento que analisa os elementos que o constituem, como: saber (savoir), conhecimento, poder, ética, entre outros. Autores como Araújo (2007), Fischer (1996, 2001), Leal Junior (2018) e Pereira & Alves (2011) têm explorado essa perspectiva, que pretendemos trazer para o campo da Educação Matemática.

No contexto internacional, não identificamos a nomenclatura "arqueogenealogia" como uma forma institucionalizada de pesquisa. Contudo, isso não implica a inexistência de pesquisadores que atuem com essa modalidade de investigação. Pelo contrário, tivemos contato com estudos que, a nosso ver, podem ser considerados bons exemplos dessa forma de pesquisa, como o de Scheurich e McKenzie (2005).

2 PROPOSTA DE PESQUISA

Em uma pesquisa de cunho subjetivista, o significado não emerge de uma interação entre sujeito e objeto, mas sim é imposto ao objeto pelo sujeito. Nesse panorama, o objeto, por si só, não contribui para a geração de sentido (Crotty, 1998, p. 9). Ao empregar o termo "campo", referimo-nos a um "ambiente", um locus, um espaço de conflitos e confrontos, de poder e saber² (*savoir*), de tensões e projeções, de tomadas de decisão, entre outros. É fundamental ressaltar que essa noção de campo nos direciona a um trabalho de caráter local e regional, distinto de uma abordagem global ou universal.

Nesse ambiente, é possível discorrer sobre o conhecimento praxiológico e a prática no sentido de uma "articulação entre agente social e estrutura social [...] como uma tentativa de superar a dicotomia entre objetivismo e subjetivismo: em defesa de uma relação dialética entre sujeito e estrutura" (Pereira, 2015, p. 343). Termos como "norma", "pressuposições" e "princípios" são recorrentes em qualquer estudo fundamentado na filosofia foucaultiana, bem como em perspectivas subjetivistas e pós-estruturalistas.

De acordo com Vianna (2003), ao abordarmos "pressuposições", referimo-nos a algo que, simultaneamente, é basilar e pode se tornar consensual (mesmo que se discorde de uma pressuposição, ela pode ser utilizada para compreender o raciocínio subjacente). Trata-se de um ponto de partida para nossas ações. Contudo, essa concepção difere do uso do termo "princípios", cuja distinção fundamental reside no fato de que os princípios são normativos. É possível concordar ou não com nossas pressuposições, mas não se pode discordar dos princípios de uma disciplina (em geral, a palavra 'princípio' é desvinculada do sujeito que a enuncia, sendo deslocada para uma generalidade, como a de uma disciplina). Dentro dos "princípios de uma disciplina", a discordância não é concebível. Uma norma, por sua vez, é algo que se impõe, que buscamos compreender e

²É necessário explicar o que Foucault e nós entendemos por conhecimento. Fazemos isso por meio de uma citação do filósofo francês. Nas línguas latinas, a palavra "conhecimento" pode assumir dois significados que dependem do contexto de seu uso. Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (1972, p. 261) afirma: "Por 'Arqueologia', eu gostaria de designar não exatamente uma disciplina, mas um domínio de pesquisa, que seria a seguinte ideia: em uma sociedade, diferentes corpos de aprendizado, ideias filosóficas, opiniões cotidianas, mas também instituições, práticas comerciais e atividades políticas, referem-se a um certo *saber* implícito especial a esta sociedade. Este *saber* é profundamente diferente dos corpos (formais) de aprendizado (das *connaissances*) que se pode encontrar em livros científicos, teorias filosóficas e justificativas religiosas, mas é ele (*saber*) que torna possível, em um dado momento, o aparecimento de uma teoria, uma opinião, uma prática." Para evitar problemas de tradução na teoria foucaultiana, quando nos referimos a *savoir*, manteremos o termo em francês, e quando nos referimos a *connaissances*, traduziremos para conhecimento.

que deve ser obedecida.

Ao nos desviarmos dessa discussão para abordar a Análise do Discurso, percebemos a recorrência de alguns conceitos nessa perspectiva. A Análise do Discurso sob uma ótica foucaultiana, inserida em uma disciplina de pesquisa³ arqueogenealógica, configura-se como uma modalidade emergente de investigação. Nossa intenção é delinear novas formas de realizar Análise do Discurso dentro de um campo específico e regional. Como demonstraremos adiante, este método consiste na busca por discursos e práticas disseminadas no cenário acadêmico, fundamentada na reflexão sobre as condições discursivas, na elucidação de práticas problemáticas e na compreensão das razões da emergência de um determinado discurso. Para isso, é necessário investigar palestras, pronunciamentos, livros, produções intelectuais, papers, artigos, entrevistas, discursos políticos, atividades policiais, práticas comerciais, instituições, entre outros.

Ao elaborar a primeira versão da tese de doutorado, buscávamos captar as vozes dos pesquisadores, os ecos, enunciados⁴ e discursos que permeiam os campos da Resolução de Problemas e da Filosofia da Educação Matemática, a fim de investigar a lacuna na compreensão dos princípios filosóficos que permeiam sua prática inicial. Assim, com base em Crotty (1998) e Creswell (2007), nossa proposta de pesquisa pode ser apresentada como subjetivista em sua posição epistemológica, tendo a filosofia de Michel Foucault e o pós-estruturalismo como perspectiva teórica, a Análise do Discurso como metodologia e a arqueogenealogia como método de pesquisa.

3 ANÁLISE DO DISCURSO

Foucault (2014) afirma que o discurso se constitui como a reverberação de uma verdade que se torna viva diante de nós "quando tudo pode, finalmente, tornar-se discurso, quando tudo pode ser dito, e o discurso pode ser dito sobre tudo, isso é possível porque tudo, tendo manifestado e trocado seu sentido, pode retornar à interioridade silenciosa da consciência de si" (p. 46, tradução nossa). Para a filosofia, os discursos são um jogo de escrita, leitura ou fala, e em todos os casos o que está em jogo são os signos. Trata-se, portanto, de um processo de significação que ressoa e se modifica a partir do momento e do contexto histórico-ideológico, e que se insere em uma perspectiva social e cultural.

³Neste texto, compreendemos isso como um método, embora seja uma palavra problemática para Foucault, como explicaremos adiante.

⁴Enunciado, aqui, significa produto ou estrutura de uma enunciação.

Nesse sentido, o discurso é um ambiente histórico, onde sua existência só é possível em uma relação político-ideológica que seja favorável à sua emergência; um ambiente em que o discurso é permeado por um sentido ideológico e particular. O sentido, por sua vez, é constituído por uma relação entre poder, saber (savoir) e linguagem (Barros, 2015). Conforme Foucault (2015), os signos são elementos linguísticos, ou um conjunto de elementos significativos da linguagem, que se referem a conteúdos, coisas, fenômenos, entre outros, presentes no mundo dos discursos individuais. O saber (savoir) e o discurso se relacionam de maneira peculiar, pois o discurso rompe com a relação que o liga às coisas de que fala. No entanto:

Esta nova disposição implica o aparecimento de um problema até então desconhecido: de fato, podemos questionar a possibilidade de identificar se um signo pode realmente designar a coisa que ele significa; a partir do século XVII, se perguntará como um signo pode se relacionar com a coisa que ele significa. Essa questão é respondida pela idade clássica através da análise de sentido e significado. Contudo, há uma forma pela qual a linguagem não é mais do que um caso particular de representação (para os pesquisadores clássicos) ou de significado (para nós). A profunda interdependência da linguagem e do mundo se desfez. A importância da escrita é suspensa. Então, essa camada uniforme desaparece, onde o que vemos e lemos, o visível e o enunciável, se interseccionam indefinidamente. As coisas e as palavras se separam. O olho será designado para ver, e apenas para ver; a audição, apenas para escutar. O discurso terá, de fato, a função de dizer o que algo é, mas não será nada mais do que o que diz. (Foucault, 1999, p. 59, tradução nossa)

Portanto, nessa perspectiva, não podemos nomear as coisas indiscriminadamente; devemos analisar e compreender que as coisas possuem significado, sentido e sustentação em uma prática local e regional. Não apresentamos um discurso como interpretação geral, pois acreditamos que essa premissa se baseia em uma proposta de generalização de conceitos essenciais e fundamentais a partir de uma prática específica. Essa prática, sempre local e regional, se opõe a essa ideia, gerando equívocos. Essa impossibilidade resulta da multiplicidade de conceitos como lugares, ambientes, contextos, práticas, sujeitos, singularidades e multiplicidades que não se coadunam com a generalização, pois se justapõem e se opõem no tratamento de certas questões.

Em primeiro lugar, para Foucault, "Em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos cuja função é conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade" (Foucault, 2014, p. 53, tradução nossa). Essa ideia ganha vida ao lado de outra percepção (Gerhardt & de Souza, 2009; G. L. D. Souza, 1999), onde:

O comentário afasta o elemento de acaso do discurso, dando-lhe o seu devido valor: ele nos dá a oportunidade de dizer algo diferente do próprio texto, mas sob a condição de que seja o próprio texto que é proferido [reiterado] e, de certa forma, finalizado. A multiplicidade aberta e o caráter fortuito são transferidos, pelo princípio do comentário, do que é passível de ser dito para o número, a forma, as máscaras e as circunstâncias da repetição. A novidade não reside mais no que é dito, mas em seu reaparecimento. (Foucault, 1972, p. 221)

Desse modo, para a arqueogenealogia como Análise do Discurso, uma pesquisa não deve indagar sobre a essência das coisas nem sobre a existência de relações entre elas. O objetivo dessa disciplina é, antes, buscar percepções sobre suas manifestações na prática (de pesquisa). Para essa disciplina, é mais profícuo questionar sobre seu funcionamento e suas potencialidades. Ademais, podemos representar o caos de uma pesquisa e manifestar os múltiplos discursos que nos afetam, fazendo com que a pesquisa participe da constituição de nossos discursos. Para Dreyfus e Rabinow (1995), o discurso resultante da arqueogenealogia também é um novo/outro discurso, que se configurará como uma produção efetiva em atos sociais. Souza (2007) e Souza & Fonseca (2010) afirmam que Foucault "retira a soberania do sujeito do discurso, e retira a função de representação da linguagem para fazer emergir que o discurso é da ordem do acontecimento" (p. 35).

Adicionalmente, um corpus de pesquisa não deve ser definido por critérios rígidos, mas sim ser composto por elementos diversos com uma conexão estratégica, tais como: livros, entrevistas, artigos, produção intelectual, palestras, questionários, teses, etc., e produções escritas como produções verbais dos sujeitos de investigação. Conforme Carneiro (2000), esse corpus "expressa as práticas cotidianas e traz a possibilidade de capturar toda a gama de enunciados em um pequeno espaço escrito, bem como a formação de estratégias e dos dispositivos de verdade que são fundamentais para compreender o problema da constituição do sujeito em pauta" (p. 192).

4 ARQUEOGENEALOGIA

Conforme salientado ao longo deste texto, a arqueogenealogia constitui um campo de pesquisa emergente, enraizado na Filosofia de Foucault. No Brasil, muitos pesquisadores têm se dedicado explicitamente a trabalhar com essa perspectiva. É provável que outros pesquisadores atuem com essa perspectiva sem, no entanto, apresentar seus trabalhos sob a nomenclatura de arqueogenealogia, mesmo quando realizam articulações entre a arqueologia, a genealogia e o cuidado de si em Foucault.

Nossa pesquisa configura-se como um estudo bibliográfico sobre esses domínios e suas articulações. Para tanto, analisamos uma vasta quantidade de artigos de periódicos e livros dedicados a esses temas.

No cenário internacional, não identificamos trabalhos que utilizem o termo "arqueogenealogia" de forma explícita. Contudo, existem estudos, como o de Scheurich & McKenzie (2005), que visam articular esses domínios foucaultianos como uma forma de realizar uma arqueogenealogia possível. Durante a condução de nosso estudo, encontramos trabalhos de Alves (2009; 2010), Araújo (2007), Fischer (1996, 2001), Veiga-Neto e Fischer (2004), Fonseca-Silva (2004), Paiva (2000) e Pereira & Alves (2011) que permeiam esta escrita.

Frequentemente, diversos pesquisadores insistem em compartimentar a obra de Foucault em períodos distintos, como arqueologia, genealogia e o cuidado de si. Essa divisão é bastante controversa e carece de consenso sobre sua aplicabilidade. Contudo, acreditamos que o filósofo francês não era adepto de rótulos ou compartimentações em sua obra. Ainda assim, para uma melhor elucidação da proposta da arqueogenealogia, faz-se necessário mencionar algumas considerações sobre esses períodos, pois é muito mais produtivo trabalhar com Foucault evidenciando suas reverberações para a pesquisa e como seus conceitos são mobilizados para sustentá-la.

Elaborar uma arqueogenealogia não se resume a fazer uma arqueologia ou uma genealogia, mas sim a operar e transitar por essas duas disciplinas de pesquisa. Sendo a arqueogenealogia uma fusão de métodos que incorporam uma dimensão subjetivista inerente à filosofia, precisamos ressoar através de cada um deles sem nos fixarmos em nenhum, mas permanecendo em constante movimento, num fluxo dinâmico de ir e vir, para que o processo de pesquisa seja dinâmico. Em um estudo foucaultiano, questões sobre o ser tornam-se possíveis a partir de discordâncias entre pesquisadores.

No livro *As palavras e as coisas* (Foucault, 1999), o autor apresenta a emergência do sujeito do saber (*savoir*), investigando os eventos que surgem de uma relação entre esse sujeito e o saber (*savoir*). De outra forma, por meio da genealogia, ele aborda a constituição desse sujeito pelo poder. Para apreender a essência da arqueologia foucaultiana, é crucial compreender a distinção entre conhecimento como *savoir* e/ou *connaissance*. Segundo Foucault (1994), a arqueogenealogia é um movimento de pesquisa, enquanto a arqueologia e a genealogia não o são, pois atuam sobre corpos e práticas que envolvem esses corpos mencionados.

A arqueologia foucaultiana é um método de estudo que se interessa pelos discursos de forma analítica, dedicando-se à relação entre o discurso referente ao ser e a Análise do Discurso. Ela permite compreender a constituição do sujeito do saber (savoir), a partir de onde se problematiza a própria configuração do conhecimento. No campo da genealogia como método, fundamentalmente estabelecido na relação em torno dos conceitos de poder e saber (savoir), Foucault clama pela compreensão da constituição do sujeito da ação sobre outros sujeitos. Ele o fará problematizando a emergência de algo dentro da relação entre poder e saber (savoir). Destacamos que Foucault, nesses métodos, retoma métodos para implementar a arqueologia e/ou a genealogia como métodos arqueológicos e/ou genealógicos, mas não considerando as metodologias como campos acadêmicos de conhecimento, pois para ele são ferramentas para trabalhar ou agir na pesquisa. O terceiro campo, a ética ou o cuidado de si, foi influenciado pelos primeiros campos ou domínios e se centra na relação do ser consigo mesmo, que busca compreender o sujeito da ação sobre si. Nessa situação, há um movimento que problematiza a própria subjetividade e configura a arqueogenealogia. Isso justifica a preferência de diversos pesquisadores em falar sobre domínios ou períodos da obra de Foucault.

Resumindo essas ideias:

- A arqueologia se apoia no objetivo de obter as condições de emergência dos discursos do saber (savoir) em um determinado tempo. Não se trata de "fazer uma arqueologia", mas de "fazer arqueologia", o que se refere a um corte horizontal em mecanismos que articulam diferentes eventos discursivos, o saber (savoir) local com o poder. Nesse domínio, Foucault se detém na questão da historicidade dos objetos do saber (savoir), problematizando a própria pertinência a um determinado regime de discursividade e a uma configuração de poder (Foucault, 1972, 1994, 2015).

- A genealogia compreende o trabalho a partir da diversidade e da dispersão do acaso, dos inícios e dos acidentes. Ela não visa retroceder no tempo para restabelecer a continuidade da história, mas, ao invés disso, busca restituir os eventos em sua singularidade. Sobre esse método, ele consiste em se opor à ordem do discurso, pois não busca apenas no passado a marca de eventos singulares, mas quer inferir sobre a contingência que nos fez o que somos, a possibilidade de não sermos/fazermos/pensarmos mais do que o que somos/fazemos/pensamos. Para Foucault, existem três dimensões para a genealogia:

1. A ontologia histórica de nós mesmos que emerge de nossa relação com a verdade, que nos permite constituir como sujeitos do saber (savoir).

2. Nossas relações dentro de um campo de poder que nos permite constituir como sujeitos que atuam sobre outros.

3. Nossa relação com o sentido da moralidade, que nos permite constituir como agentes éticos (Foucault, 1999, 2014; Revel, 2005).

- A ética consiste em uma forma pela qual um indivíduo se torna o principal sujeito de sua própria conduta moral; implica necessariamente em um modo de sujeição – a maneira pela qual um indivíduo suporta uma regra ou um sistema de regras e passa pela obrigação de colocá-lo em ação no processo de se tornar sujeito. Assim, essa dimensão repropõe a análise do campo a partir da constituição ética dos sujeitos e da produção ou compreensão da subjetividade (Foucault, 1980, 1998, 2011; Leal Junior, 2018).

De acordo com Weizenmann (2013), Foucault apontou três princípios na arqueologia e na genealogia: a) O abandono ou o recuo de uma consciência apresentada da modalidade. b) A exclusão da hermenêutica como metodologia. c) O fim das próprias perspectivas globais e da historiografia que concebe a história como uma macroconsciência.

Dessa forma, Foucault recua com as ideias de uma obra histórica, de um sentido profundo e imanente para aguardar um sujeito cognoscente. Assim, em relação ao sujeito, a genealogia pretende pensá-lo como uma entidade-sujeito pelos elementos de sua própria internalidade e exterioridade. Por outro lado, a arqueologia trabalha com as primeiras condições desse empreendimento através da descentralização essencial de seu núcleo por meio de uma proliferação hermenêutica (Weizenmann, 2013).

Portanto, não nos interessa a descrição de um discurso horizontal, mas sim a análise dos enunciados que compõem os discursos, pois estes já são irreduzíveis. Essa via analítica também consiste em uma análise genealógica, que se configura como "uma forma de história que suporta a constituição do saber (savoir), dos discursos, dos domínios dos objetos, etc. Sem ter a obrigação de se referir a um sujeito específico, seja ele transcendente em relação ao campo dos eventos, seja buscando uma identidade vazia através da história" (Foucault, 1996, p. 7, tradução nossa). Em outro ângulo, ainda em relação a Foucault (1996), na análise arqueológica em *Microfísica do Poder*, o autor busca realizar um estudo descontínuo sobre as constituições dos saberes (savoirs) em diferentes épocas, porém relacionando-os. Nesse domínio, Foucault se preocupa com a análise das condições, das regras e das leis que existem para configurar as constituições dos saberes (savoirs) às quais os discursos se encontram submetidos nos tempos históricos. De fato, a arqueologia define e caracteriza um nível de análise no domínio dos fatos, enquanto a

genealogia explica ou analisa no nível da arqueologia (Veiga-Neto, 2011).

Assim, percebemos que a Análise do Discurso não reside exclusivamente em apenas um polo desses domínios, mas ressoa através de ambos e os engendra, apontando uma certa influência do domínio ético. A partir disso, o método arqueológico se baseia em práticas (discursivas) que constituem o saber (savoir) de um determinado tempo e ambiente, promovendo "os enunciados efetivamente ditos e a operação dos discursos. Ele lida com articuladores de discursos sobre o que pensamos, dizemos e fazemos, como vários outros eventos" (Andrade, 2008, p. 60, tradução nossa). Para esse autor, a arqueologia é como a história vista de baixo, uma perspectiva de análise (histórica) que não se inicia por grandes narrativas oficiais, mas por fontes pequenas e insignificantes, narrativas obscuras e fragmentos de textos (Andrade, 2008).

Então, podemos afirmar que, nessa perspectiva, estamos interessados nas formações discursivas, em sua constituição, operação e emergência. Ao abordarmos a genealogia, é imperativo destacar a conexão entre conhecimento e saber (savoir) com histórias e memórias locais e regionais, que participam da constituição de um saber (savoir) histórico e de um sujeito que ganha vida dentro dessa articulação histórica. Nesse domínio, as relações entre conhecimento e poder são intensificadas. De fato, esses não são domínios que existem separadamente. Foucault engendra esses conceitos, delineando problematizações que emergem de certas formações discursivas.

Aqui, ele busca refletir sobre a emergência e a precedência dos eventos em torno do poder. Ele não está interessado em conhecer os inícios do sistema, mas sim as políticas de verdade em torno desse tema. Assim, qualquer análise será crítica ao evocar a arte de não se submeter a nenhum jogo de poder, de não ser governado. Nesse contexto, sua estrutura deve ser genealógica e seu método deve ser arqueológico, resultando na compreensão das coisas dentro de práticas objetivas, o que implica objetivações de determinadas práticas.

De acordo com Veiga-Neto (2009, 2011), método é uma forma de investigação e um conjunto de estratégias analíticas de descrições, bem como um conjunto de procedimentos de investigação e análise, que não devem estar presos ou atrelados a regras de práticas aplicadas a problemas técnicos e concretos. Pelo contrário, deve ser concebido como certas maneiras para uma análise bem específica relacionada à vigilância epistemológica com uma teorização subjacente ou uma teoria em ato.

Tabela 1**Proposta de Pesquisa em Foucault**

Proposta Foucaultiana	Objetivo do Estudo	Questões Norteadoras
Arqueologia	Estudar o discurso e o sujeito do saber (savoir); problematizar a constituição do sujeito do conhecimento.	O que e/ou como posso saber? Que saber (savoir) existe e quais foram as condições para ele?
Genealogia	Estudar os sujeitos e as práticas discursivas dentro de relações, teias, poder e saber (savoir); problematizar a emergência de algo que relaciona conhecimento/saber (savoir) com poder.	O que e/ou por que posso saber? Que elementos participam da formação/transmissão do conhecimento (saber) disposto na sociedade e como eles funcionam?
Ética	Buscar compreender as relações de ser consigo mesmo, sujeito consigo mesmo, e o autocuidado dentro/em torno de temas como: conhecimento, saber (savoir) e poder; problematizar a própria subjetividade.	Quem sou eu? Quem posso ser? Como me tornei/constituí o sujeito de práticas discursivas? Como sou constituído no que sou?

Fonte: Preparada pelos autores.

Retornando aos casos de entrevistas e questionários, é crucial salientar que os pesquisadores se aproximam do espectro dos discursos já institucionalizados e que, de certa forma, encontram-se cristalizados nas práticas discursivas dos sujeitos envolvidos. Essas ferramentas de pesquisa são eficazes para investigar e perceber respostas a questões abordadas na tabela acima. A forma de expressão ou o modo de organização de uma informação ou conhecimento não é capaz de modificar sua essência, historicidade e episteme. Por "Episteme", Foucault propõe um conceito arqueológico que identifica o conjunto básico de regras que controlam e sustentam a produção de discursos em um determinado tempo (Koopman & Matza, 2013; Veiga-Neto & Saraiva, 2011).

Isso se relaciona a uma política discursiva que legitima e autoriza certos discursos em um determinado momento e ambiente histórico: o apropriado, o inapropriado, o permitido, o sem sentido, o conveniente, o verdadeiro, o falso, etc.. Esse conceito – Episteme – foi evocado por Foucault em *As palavras e as coisas* (Foucault, 1999) e é bastante polêmico, precisamente por enfatizar princípios de ordenação de saberes (savoirs) anteriores a qualquer discurso voltado para o conhecimento. Para ele e para nós, o discurso deve se apresentar em operação, evidenciando a realidade das coisas. Por isso, o discurso é um conceito produtivo, eficaz em si mesmo, e encontra seu lugar nas práticas sociais, onde múltiplos discursos disputam espaços para se confirmarem como discursos verdadeiros. Na produção de tais realidades, o trabalho e a operação do "discurso envolvem relações de poder e saber (savoir), sendo os discursos interfaces de saber (savoir) e poder, de verdade e poder" (Foucault, 2006b, p. 229). Além disso, Foucault (2014) afirma que "os

discursos devem ser tratados como práticas descontínuas atravessadas pelo tempo e também ignoradas e excluídas, [...] uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em cada caso, e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade" (p. 50).

De acordo com Díaz (1998), acreditamos que o discurso dos pesquisadores não se constitui como uma forma projetiva ou um falante autônomo de intenções comunicativas, mas sim dentro de uma ordem interna de um sistema de produção discursiva com princípios de controle que atuam em suas reproduções de significado e suas práticas. Contudo, neste momento, queremos considerar a conexão entre discurso, entrevistas e questionários. Silveira (2002) afirma que entrevistas são ferramentas bastante utilizadas em pesquisas educacionais e que constituem uma arena de significados, assim como os questionários, pois não se configuram como uma verdade individual ou revelações de caráter isolado. São ferramentas discursivas representativas que se "apóiam no discurso de seu tempo, das situações vividas, das experiências, das verdades instituídas para os grupos sociais de seus membros" (p. 130). Souza e Fonseca (2010) enfatizam esses discursos como "jogos complexos e instáveis que envolvem confrontos, lutas, invenções e produções. Discursos que se entrelaçam em meio a jogos reais, jogos de verdade, fabricando realidades e sujeitos" (p. 43).

Em uma proposta de pesquisa baseada na Análise do Discurso, não há uma separação visceral entre teoria e prática; ambas são compreendidas como elementos altamente relacionados em um plano de constituição mútua e de imanência, ou seja:

Teoria e prática não possuem relações de implicação, mas sim relações de constituição recíproca. Dessa forma, os grandes e celebrados conceitos de Foucault foram construídos a partir de práticas locais, que culminam em análises rigorosas, históricas e filosóficas que se efetivam em teorias e/ou teorizações. Essa relação entre teoria e prática não se manifesta apenas em um sentido de implicação da prática para a teoria ou vice-versa, mas sim de um engendramento entre elas, onde não existe diferenciação de uma para a outra, no sentido real dos conceitos (Leal Junior & Miskulin, 2017, p. 315).

Nessa discussão, buscamos abordar conceitos relacionados à teoria e ao método sob uma perspectiva foucaultiana. Para Foucault (2014, 2015), Veiga-Neto (2009, 2011), Andrade (2008) e Fischer (1996, 2001), essas questões estão ligadas a uma investigação disciplinada, pois o método não é a etapa mais importante de uma pesquisa que pode ser determinada a priori para construir um conhecimento específico. Pelo contrário, devemos primeiramente atentar às questões "que podem ser formuladas dentro de uma ou outra

maneira de conceber as relações entre sujeito, método, saber (savoir) e poder" (Andrade, 2008, p. 50). Isso se deve ao que afirmamos sobre um objeto não ser o objeto em si, muito menos uma representação dele. Ao falarmos sobre ele, estamos estabelecendo tal objeto e, ao procedermos assim, ao buscar ou analisar esse objeto, estamos delineando problemas a ele relacionados, desvendando problemas de forma ampla a partir da restrição da escola, do trabalho, do cotidiano, etc., de modo que se tratam de problemas do mundo em que vivemos em todos os seus aspectos.

Compreender e lidar com questões sobre discursos a partir da perspectiva foucaultiana não é uma tarefa trivial e, sobretudo, exige de nós uma recusa veemente do pensamento dogmático. É necessário atentar e situar-se nas superfícies dos discursos, no nível das palavras ou no nível das coisas que foram ditas. Isso implica analisar, descobrir e explorar intensivamente o próprio discurso, permitindo que ele emergja de sua complexidade. Foucault (2014) e Fischer (2001) afirmam que precisamos fugir de encarar os discursos como um conjunto de signos, como textualizações de conteúdos cheios de significados e intenções, como algo constituído por ideias, sentidos ou significados ocultos ou subliminares.

5 PENSANDO COM PENSADORES/PESQUISADORES (SOBRE) ESTA PROPOSTA DE PESQUISA

Para Foucault, não há nada a ser revelado, desvelado ou encontrado; o que existe são os enunciados e suas relações, que o próprio discurso coloca em operação. A Análise do Discurso consiste em perceber e capturar a historicidade e as práticas presentes nos discursos. Além disso, é muito importante que o pesquisador descarte seus julgamentos e as facilidades para buscar a estrutura do texto. Isso pode evidenciar a historicidade como produção de contexto social, histórico e cultural.

Em relação à realidade objetiva, devemos salientar que ela é construída internamente por uma trama discursiva, o que pode significar uma opção idealista, pois os discursos são práticas autônomas em termos de objetividade. Isso implica que o sujeito não é o autor de um enunciado, mas sim uma função determinada, pois "com relação ao sujeito, apontamos que ele não se identifica com o autor do enunciado, é uma função determinada 'na medida em que um único indivíduo pode ocupar alternadamente em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos'" (Fischer, 2001,

p. 113). Assim, no que tange à relação entre outros enunciados ou ao domínio associativo, é crucial destacar que um enunciado não existe isoladamente, pois "não há enunciado geral, livre, neutro e independente". Pelo contrário, "ele desenvolve um papel dentro de outros, defendendo-se e distinguindo-se: está sempre integrado em um jogo enunciativo" (p. 112).

De fato, entrevistas e questionários (abertos ou semiabertos) consistem em realizar análises por meio das percepções do pesquisador sobre o quê e como essas enunciações produzem e seus efeitos nos discursos, dentro da materialidade ou existência material das práticas discursivas que não podem ser confundidas, mas devem participar da constituição do próprio enunciado, onde ele precisa "ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data" (p. 123). Isso se relaciona à reificação de ideias e pensamentos que podem ser reproduzidos pela possibilidade de repetição e atualização deles. Na realidade, essas práticas criam "um lugar para ligar o que é dito e o que é feito, as regras que são impostas e as razões dadas, os projetos e as evidências" (Foucault, 2006, p. 338).

Além disso, tais práticas constituem uma percepção política ao tentar elucidar a estrutura que estabelece essas regiões de investigação, o que implica na configuração e legitimação das diferenças ou aproximações entre quaisquer regiões de investigação, e que são constituídas por formações discursivas. As formações discursivas precisam ser estudadas e compreendidas dentro de um campo discursivo e um campo do saber (savoir). Sendo assim, a relação entre elas é muito próxima e idiossincrática, de modo que as formações discursivas estão sempre situadas em relação a um certo campo do saber (savoir). Cada discurso é sustentado por sistemas de formações discursivas de seus respectivos campos de estudo, além de constituírem mutuamente esses campos.

Esses trabalhos com Análise do Discurso são possíveis na medida em que a análise dos enunciados e a produção das enunciações são produtos do sujeito, elaborados dentro de formações discursivas em interação. Nesses contextos, operam em sinergia, frequentemente tangenciando e convergindo para uma determinada compreensão da prática, que não se fecha em si mesma (Fischer, 2001). Para essa pesquisadora brasileira, "a formação discursiva deve ser vista, antes de tudo, como um princípio de dispersão e de partição dos enunciados, [...] do que se sabe, do que se pode e do que se deve dizer em determinado campo e de acordo com certa posição que se ocupa neste campo" (p. 203). Ou seja, depende da relação entre saber (savoir) e poder de seu tempo, em uma perspectiva histórica. Isso nos leva a pensar que as práticas discursivas não se restringem à textualização de ideias, crenças, conjecturas e pensamentos sobre um determinado

assunto. Para Foucault, trabalhar com isso na Análise do Discurso é o mesmo que trabalhar com uma prática discursiva para apontar e conhecer as leis e relações que engendram e corroboram a existência de determinado discurso.

Como proposta arqueogenealógica e como forma de Análise do Discurso, o enunciado não está oculto, pois é caracterizado pela própria existência de um conjunto de signos. Sua análise só pode ser feita sobre/nas "coisas que foram ditas, as frases realmente proferidas ou escritas, os elementos de significado que foram articulados, e mais precisamente, sobre essa singularidade que torna possível sua existência e sua emergência à observação e leitura" (Foucault, 2015, p. 133). Outra forma de buscar isso é questionar: "por que isso é dito aqui, desta forma, nesta situação, e não em outro tempo e lugar ou de uma forma diferente?" (Fischer, 2001, p. 205). Obviamente, essa pergunta nos remete a outro tema, a heterogeneidade discursiva, que se refere às dispersões do enunciado.

As dispersões do enunciado tratam de como o enunciado surgiu e como foi distribuído dentro de um determinado conjunto, sobretudo onde a unidade não é definida pelos objetos de análise. Essa unidade é uma unidade de representação e desenvolvimento, um lugar de multiplicação da realidade, e em um esforço de síntese, "para o analista, o discurso é o lugar da multiplicação dos discursos, bem como o lugar da multiplicação dos sujeitos" (p. 211). Ainda nessa perspectiva, a autora afirma que "quando estamos analisando um discurso, mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas de certa forma estamos confrontados com o lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade", e explica que isso se deve ao fato de que o "sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem insubstituível de sentido: é ao mesmo tempo falante e falado, pois através dele outros discursos podem ser ditos" (p. 207).

Em relação aos autores de enunciados ou falas (discursos), devemos salientar que é possível realizar uma pesquisa sem identificar os participantes, mantendo o anonimato. Sob a perspectiva foucaultiana, não nos detemos a identificar "o que é", "qual é" ou "quem é" o sujeito. No entanto, essa identificação pode ser feita sem que haja perda do princípio da pesquisa. O pesquisador pode perceber que, para Foucault, o sujeito é múltiplo, e essas questões se desdobram de outras, tais como: "qual é o status do enunciador? Qual é sua competência? Onde ele está? Qual é seu campo de saber (savoir)? Qual é seu lugar institucional? Como ele se relaciona hierarquicamente com poderes além dos seus?" (Fischer, 2001, p. 20).

REFERÊNCIAS

- Alves, K. *Formação Discursiva da Plenitude em Educação: uma arqueogenealogia das novas sensibilidades eco-pedagógicas*. 2009.(Doutorado)–Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- Alves, K. M. C. V. *Formação discursiva da plenitude em educação: uma arqueogenealogia das novas sensibilidades eco-pedagógicas*. In: Reunião Anual Da Associação Brasileira De Educação-Anped, 33. 2010, 2010]
- Andrade, S. *A pesquisa em educação matemática, os pesquisadores e a sala de aula: um fenômeno complexo, múltiplos olhares, um tecer de fios*. 2008. 461 f.(Doutorado)–Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2008.
- Araújo, I. L. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *Revista Aulas*, v. Dossiê Foucault, n. 3, p. 1-24, dez/06-mar/07. 2007.
- Barbosa, J. C. *Formatos Insubordinados de Dissertações e Teses na educação Matemática*. In: D'ambrósio, B. S.; Lopes, C. E. (Org.). *Vertentes da Subversão na produção científica em Educação Matemática*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 347-367.
- Barros, T. H. B. *Uma trajetória da arquivística a partir da Análise do Discurso*. Inflexões histórico-conceituais: Cultura Acadêmica 2015.
- Boyer, C. B. *História da Matemática*. São Paulo: Edgar Blücher, 1974.
- Carneiro, V. C. G. *Pesquisa foucaultiana: uma alternativa entre caminhos alternativos*. Educação - PUC/RS, Porto Alegre, v. 41, p. 181-202, 2000.
- Creswell, J. W. *Projeto De Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, Vol. 1, 2007.
- Crotty, M. *The Foundations Of Social Research Meaning and perspective in the research process*. Sydney: Allen & Unwin, 1998.
- Díaz, M. *Foucault, docentes e discursos pedagógicos: Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- Dreyfus, H.; Rabinow, P. Michel Foucault -Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.
- Fischer, R. M. B. *Adolescência Em Discurso – Mídia e produção de subjetividade*. 1996.(Doutorado)–Faculdade De Educação, UFRGS, Porto Alegre, 1996.
- Fischer, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, p. 197-223, 2001. Available in: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&nrm=iso>.

- Fonseca-Silva, M. C. Foucault e a arqueogenealogia do sujeito. *Sujeito, identidade e memória*, Uberlândia, p. 27-69, 2004.
- Foucault, M. *The Archeology of Knowledge and the discourse on language* New York: Pantheon Books, 1972.
- Foucault, M. *The history of sexuality: An introduction*. Nova Iorque: Vintage Books, Vol. 1, 1980.
- Foucault, M. *Aesthetics, method, and epistemology*. Nova Iorque: New Press, 1994.
- Foucault, M. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- Foucault, M. *The History of Sexuality: The Will to Knowledge*. London: Penguin, Vol. 1, 1998.
- Foucault, M. *As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Foucault, M. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Foucault, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- Foucault, M. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. In: Foucault, M. (Org.). *Ditos e Escritos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. v.1
- Foucault, M. *A Coragem da Verdade: O governo de si e dos outros: Curso no Collège de France 1983-1984*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, Vol. II, 2011.
- Foucault, M. *A Ordem do Discurso*. 24. ed. São Paulo: Loyola Ed., 2014. 78 p.
- Foucault, M. *Arqueologia do Saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ed., 2015.
- Gd-08. Apontamentos do Grupo de Discussão 08: Pesquisa em Filosofia e Educação Matemática. In: *Matemática, S.-S. B. D. E., IV Fórum de Discussão: Parâmetros Balizadores da Pesquisa em Educação Matemática no Brasil, 2017*, UFSCar - Universidade Federal de São Carlos. SBEM, 11-12, Abril. p. 1-2. Available in: <http://docs.wixstatic.com/ugd/76dc94_74bdfdf9e00248a2b9af71033ddf782a.pdf>.
- Gerhardt, T. E.; De Souza, A. C. *Aspectos Teóricos E Conceituais De Pesquisa*. In: Gerhardt, T. E.; Silveira, D. T. (Org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.
- Koopman, C.; Matza, T. *Putting Foucault to Work: Analytic and Concept in Foucaultian Inquiry*. *Critical Inquiry*, The University of Chicago Press, v. 39, n. 4, p. 817-840, 2013. Available in: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/671357>>.
- Larrosa, J. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, 2002.

- Leal Junior, L. C. Ethics and Research in Mathematics Education: philosophical provocations. *Philosophy of Mathematics Education Journal*, Exeter, v. 33, p. 1-13, Jan. 2018.
- Leal Junior, L. C. Tessitura sobre discursos acerca de Resolução de Problemas e seus pressupostos filosóficos: Così è, se vi pare. 2018. 396 f.C (Doctoral dissertation)–Educação Matemática, UNESP, Rio Claro, 2018.
- Leal Junior, L. C.; Miskulin, R. S. G. Perspectivas de Resolução de Problemas por meio de Articulações entre Teoria, Prática e Conceitos sobre Comunidade de Prática. In: ONUCHIC, L. R.; LEAL JUNIOR, L. C.; PIRONEL, M. (Org.). *Perspectivas para Resolução de Problemas*. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2017. cap. 11, p. 305-353.
- Paiva, A. C. S. *Sujeito e laço social: a produção de subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- Pereira, A. I. C. *Hábitos de leitura e a sua influência na resolução de problemas*. 2015. 160 f.(Mestrado)–Escola de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2015.
- Pereira, E. A. T. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidades de análise para pesquisa em história da educação brasileira. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337-356, set-dez. 2015.
- Pereira, M. S.; ALVES, N. C. R. A “arqueogenealogia” de Foucault e os estudos de Certeau sobre o cotidiano: um debate teórico. In: 16º Encontro Nacional da ABRAPSO, 2011, Recife, 2011.
- Rabinow, P. *The Foucault Reader: An introduction to Foucault's thought*, with major new unpublished material. 1. ed. Nova Iorque: Pantheon Books, 1984. 399 p.
- Revel, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.
- Scheurich, J. J.; Mckenzie, K. B. Foucault's Methodologies: Archeology and Genealogy. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (Org.). *The Sage Handbook of Qualitative Research*. 3. ed. Londres: Sage Publications, 2005. cap. 33, p. 841-868.
- Silveira Filho, J. L. *A intuição e a imaginação na aprendizagem do infinito*. 2012.(Monografia de graduação)–Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- Silveira, R. M. H. *A entrevista em educação – uma arena de significados*. In: Costa A, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 119-141.
- Souza, G. L. D. *Três décadas de Educação Matemática: Um estudo de caso da Baixada Santista no período de 1953 a 1980*. 1999.(Mestrado)–Educação Matemática, UNESP, Rio Claro, 1999.

- Souza, M. C. R. F. Michel Foucault: O Discurso, as práticas discursivas interpelações às práticas de numeramento. *VI Congresso de Letras - Linguagem e Cultura: Múltiplos olhares*, 2007, Caratinga/ MG. p. 1-13.
- Souza, M. C. R. F.; Fonseca, M. C. F. R. *Relações de gênero, Educação Matemática e Discurso: Enunciados sobre mulheres, homens e matemática: Tendências em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 159 p.
- Veiga-Neto, A. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. *Cadernos de Educação*, v. 34, p. 12, SET - DEZ, 2009. 2009.
- Veiga-Neto, A. Foucault & Educação. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011. 159 p.
- Veiga-Neto, A.; Fischer, R. M. B. Foucault, um diálogo. *Educação & Realidade*, v. 27, n. 1, p. 7-25, 2004.
- Veiga-Neto, A.; Saraiva, K. Educar como arte de governar. *Currículo sem Fronteiras*, v. 11, n. 1, p. 5-13, JAN-JUN. 2011.
- Vianna, C. R. *Filosofia da Educação Matemática*. In: Bicudo, M. A. V. (Org.). Encontro Nacional De Educação Matemática. Brasília: Plano Editora, 2003. P. 8.
- Weizenmann, M. *Foucault : sujeito, poder e saber*. Pelotas: NEPFil online, 2013.